

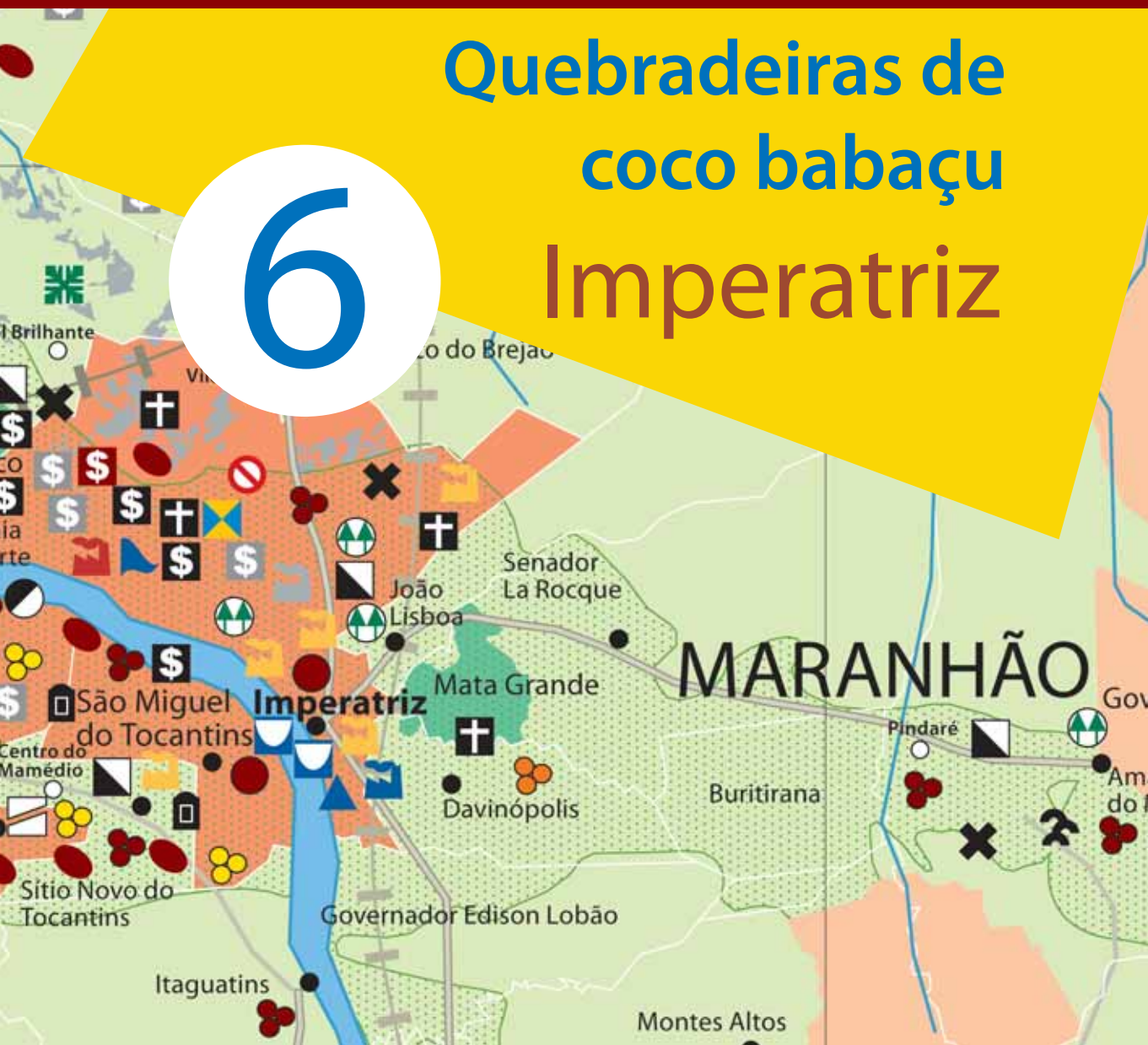
Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB



Nova cartografia social da Amazônia

Quebradeiras de
coco babaçu
Imperatriz

6



COORDENAÇÃO DO MIQCB

Coordenação Executiva

Coordenadora Geral

Maria Adelina de Sousa Chagas (Regional Mearim)

Vice-Coordenadora

Maria Querubina da Silva Neta (Regional Imperatriz)

Coordenadora Financeira

Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira (Regional Pará)

Secretária Geral

Domingas de Fátima Freitas (Regional Piauí)

Secretária de Formação

Zulmira de Jesus Santos Mendonça (Regional Baixada)

Secretária de Comunicação

Emília Alves da Silva Rodrigues (Regional Tocantins)

Conselho Fiscal

Luzia Domingas dos Santos (Regional Pará)

Maria Eulália Mendes Nunes (Regional Baixada)

Eunice da Conceição Costa (Regional Imperatriz)

Claudisdean de Melo Silva de Oliveira (Regional Tocantins)

Antonia Gomes de Sousa (Regional Mearim)

Helena Gomes da Silva (Regional Piauí)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 6

Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz

São Luís, 2005

Projeto editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Equipe da pesquisa Guerra Ecológica nos Babaçuais

Alfredo Wagner Berno de Almeida (PPGSCA-UFAM)

Joaquim Shiraishi Neto (PPGDA-UEA)

Cynthia Carvalho Martins (PPGA-UFF)

Edição

Cynthia Carvalho Martins (PPGA-UFF)

Ana Carolina Magalhães Mendes

(Coordenadora Técnica do MIQCB)

Cartografia temática e geoprocessamento

Fabiano Saraiva

Claudia I. S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

Comissão Temática

Infra-estrutura

Maria Martins de Sousa (Regional Pará)

Geração de Renda

Maria Clarinda Maximiano de Oliveira (Regional Pará)

Reforma Agrária

Domingas Célia Machado Aires (Regional Baixada)

Tecnologia para o Aproveitamento Sustentável do Babaçu

Maria do Rosário Soares Costa Ferreira (Regional Baixada)

Organização e Processo Gerencial

Ely Querubina da Silva Santos (Regional Imperatriz)

Sustentabilidade Política e Financeira

Maria da Consolação do Nascimento Oliveira

(Regional Imperatriz)

Gênero e Etnia

Francisca Pereira Vieira (Regional Tocantins)

Formação e Capacitação

Beliza Costa Sousa (Regional Tocantins)

Lei do Babaçu Livre

Sebastiana Ferreira Costa e Silva (Regional Mearim)

Trabalho Infantil em Áreas do Babaçu

Diana Maria Sousa (Regional Piauí)

Comunicação e Informação

Francisca Rodrigues dos Santos (Regional Piauí)

Políticas Públicas

Maria Geralcina Costa Sousa (Regional Mearim)

Assessorias que acompanham a regional Imperatriz

Coordenadora Técnica do MIQCB

Ana Carolina Magalhães Mendes

Assessora do MIQCB, Regional Imperatriz

Maria José Barros Viana

Assessora de Comunicação do MIQCB

Lucimara Correa



“Com a deliberação das 243 delegadas participantes do último encontro ficou uma certeza: vamos lutar por novos rumos para a economia extrativa do babaçu. Nós mulheres e o resto do mundo precisamos ter a natureza equilibrada, por esse motivo é que não podemos parar (...) A nossa luta é para preservação do meio ambiente e melhoria da qualidade de vida pela organização, cidadania e reprodução do nosso trabalho e da nossa cultura.”

Maria Adelina de Sousa Chagas – Coordenadora Geral do MIQCB

***Vamos precisar de todo mundo,
Um mais um é sempre mais que dois,
Para construir a vida nova.***

Beto Guedes



***Ely Querubina e Eunice da Conceição,
coordenadoras do MIQCB***



FOTOS MARIA JOSÉ BARROS

***Ely Querubina e Maria da Consolação,
coordenadoras do MIQCB***

Acreditamos que as informações transmitidas neste fascículo, nasceram a partir da necessidade bem concreta, sentida por muita gente que sobrevive do babaçu. Acreditamos ainda que o fascículo possa ser uma ferramenta que sensibilizará toda a comunidade, sociedade e governo para essas violações que estão ocorrendo com os babaçuais e principalmente contra os seres humanos. É uma oportunidade de externar o que guardamos desde os nossos pais, anseio de uma terra livre onde a sobrevivência seja garantida. Acreditamos que o “acesso livre aos babaçuais” representa a vida. Este fascículo reforça nossa luta.

A regional de Imperatriz vem desenvolvendo ações com o objetivo de fortalecer a luta das quebradeiras de coco babaçu que é em defesa dos babaçuais, contra as grandes devastações, pelo reconhecimento dos valores do babaçu, para manter a atividade das quebradeiras e das demais comunidades tradicionais.

Maria Querubina da Silva Neta, Maria da Consolação do Nascimento Oliveira, Ely Querubina da Silva Santos e Eunice da Conceição Costa coordenadoras do MIQCB, regional Imperatriz

O que é o MIQCB e a campanha contra devastações e venda do coco inteiro



ARQUIVOS MIQCB.

A coordenadora do MIQCB, regional Imperatriz, Maria Querubina da Silva Neta, quebrando coco.

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) se constituiu a partir de um trabalho conjunto que envolve uma rede de organizações voluntárias tais como: associações, clubes, comissões, grupos de mulheres e cooperativas que lutam pela preservação dos babaçuais, pela garantia das quebradeiras de coco a terra, por políticas governamentais voltadas para o extrativismo, pelo livre acesso aos babaçuais e pela equidade de gênero. A partir do I Encontro, realizado em setembro de 1991, iniciou-se uma articulação das quebradeiras de coco do Mearim, da Baixada (MA), do Norte do Piauí e da região conhecida como Bico do Papagaio que engloba parte dos estados do Maranhão, Tocantins e sudeste do Pará. A articulação se consolidou e já foram realizados 5 encontros, reunindo centenas de quebradeiras que a cada dia fortalecem a luta com uma consciência ambiental aguda e com uma percepção de seus direitos mais aprimorada. O último encontro ocorreu em dezembro de 2004 e face à gravidade dos problemas ambientais decorrentes dos desmatamentos de babaçuais as quebradeiras de coco decidiram realizar uma campanha contra as devastações e contra a venda do coco inteiro.

O MIQCB decidiu investir na campanha em função das participantes desse movimento terem percebido a gravidade das situações de devastação em todas as regionais e das práticas que envolvem a venda do coco inteiro para ser utilizado por siderúrgicas e fábricas de sabão e óleo.

As estratégias dessa campanha foram definidas de acordo com a pesquisa que originou o livro “Guerra Ecológica dos Babaçuais” onde foram levantados os principais problemas de cada regional. Como parte dessa pesquisa o MIQCB produziu um mapa da região ecológica dos babaçuais, que identifica as situações de devastação dos palmeirais, as diferentes territorialidades étnicas afetadas (terras indígenas, terras de quilombo), as principais formas organizativas, a ocorrência de atos delituosos contra as quebradeiras, as unidades de conservação e as áreas com cultivo homogêneo e plantações industriais.

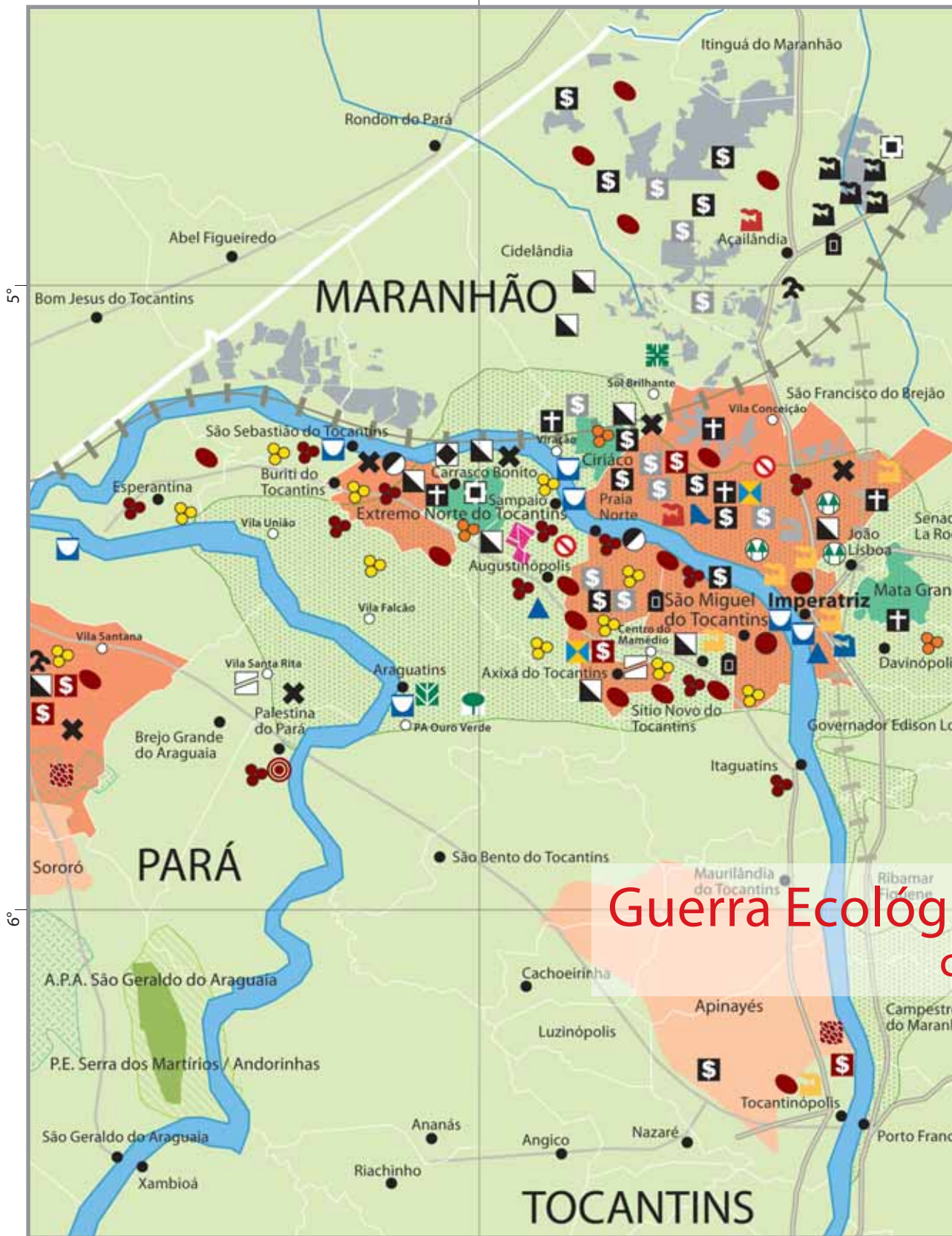
O fascículo 6 é fruto de um trabalho de campo na regional de Imperatriz, onde o MIQCB articula as quebradeiras de coco dos municípios de Imperatriz, Cidelândia, Vila Nova dos Martírios, São Pedro d’água Branca, Davinópolis, Senador Lá Roque, Buritirana e Amarante.

Por que os fascículos regionais?

A iniciativa do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) em articulação com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia de produzir esse fascículo deu-se a partir da constatação de que nos últimos três anos assiste-se a novas formas de devastação dos babaçuais e de exploração das quebradeiras de coco. Essas explorações são vivenciadas de forma diferente por cada regional, daí a idéia dos fascículos regionais.

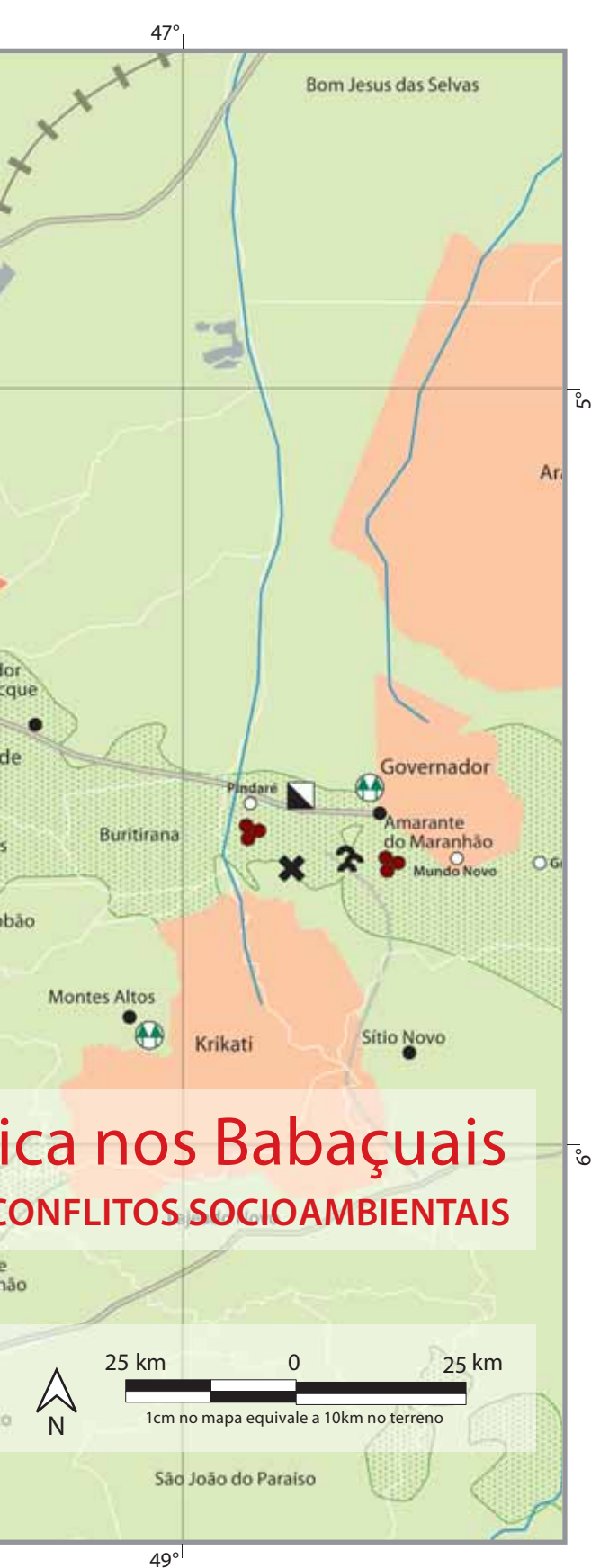
Na regional de Imperatriz a área de ocorrência dos babaçuais soma 424.100 hectares. O principal problema está relacionado à ação das siderúrgicas localizadas em Açailândia que tem estimulado a compra do coco inteiro para feitura do carvão e até mesmo a compra do carvão já feito, nos fornos distribuídos pelos fornecedores nas áreas de fazendas, de pequenos proprietários e até mesmo nos lotes dos trabalhadores rurais. A situação é tão grave que os cachos estão sendo cortados ainda verdes para que seja feito o carvão. Essa situação tem implicado em uma diminuição na oferta de amêndoas, em aumento do trabalho escravo nas carvoarias, em violência contra as quebradeiras de coco, aumento do plantio de eucalipto e uma devastação generalizada. Na situação atual, são os caminhoneiros, com vínculos diretos com as empresas, que se encarregam de organizar e levar todo carvão do coco produzido para as siderúrgicas, eliminando outros possíveis intermediários. Áreas que antes eram consideradas de livre acesso para a atividade extrativa do babaçu estão sendo cercadas e arrendadas por seus proprietários, impelindo as quebradeiras de coco à atividade de catadoras.

48°



Guerra Ecológica

48°



-  Coordenações Regionais do MIQCB
-  Associações e Grupos de Mulheres
-  Associações de Reservas Extrativistas – RESEX
-  Outras Formas Associativas (Grupos, Comissões e Clubes)
-  Organizações Não Governamentais de Apoio às Quebradeiras de Coco
-  Escolas Família
-  Cooperativas Agroextrativistas
-  Derrubada de Palmeiras
-  Produção de Carvão do Coco Babaçu
-  Compra do Coco Inteiro
-  Corte do Cacho Inteiro para Venda do Coco
-  Venda de Carvão de Coco Inteiro
-  Venda de Carvão do Cacho da Palmeira
-  Envenenamento de Pindovas
-  Arrendamento de Coco
-  Produção de Carvão de Madeira
-  Indústria de Óleo e Sabão de Babaçu
-  Siderúrgicas de Ferro Gusa
-  Frigoríficos
-  Curtumes
-  Fábrica de Papel e Celulose
-  Eucalipto
-  Parque Estadual
-  Municípios com “Lei do Babaçu Livre”
-  Reserva Extrativista
-  Área reivindicada pelo MIQCB
-  Terra Indígena
-  Ameaças de Morte
-  Quebra de Meia
-  Trabalho Infantil
-  Violência Contra as Quebradeiras
-  Aliciamento do Trabalhador
-  Impedimento e Restrição
-  Projeto Sampaio
-  Área de Ocorrência de Babaçuais
-  Buritizal
-  Bacurizal
- Fava d’Anta
- Sede municipal
- Povoado
- Limite municipal
- Limite estadual
- Rodovia principal
- Rodovia secundária
- Ferrovia
- Rio Intermitente
- Rio permanente
- Porto

A ação das Siderúrgicas

Com o aumento do preço do ferro-gusa no mercado internacional em 51,30% entre 2003 e 2004 ocorreu uma corrida por carvão por parte das siderúrgicas localizadas no Maranhão e Pará. Destaca-se, além disso, que no final de 2003 o ferro gusa ocupou o terceiro lugar nos produtos exportados pelo porto do Itaqui de São Luís e o manteve em 2004.

No município de Açailândia há um complexo industrial composto por 5 siderúrgicas que operam o beneficiamento do minério de ferro vindo da Serra Carajás. Essas siderúrgicas são as seguintes: Simasa, Cia. Siderúrgica do Vale do Pindaré, Gusa Nordeste S.A, Viena Siderúrgica do Maranhão S.A e Ferro Gusa do Maranhão – FERGUMAR. As quatro últimas siderúrgicas foram multadas esse ano, pelo IBAMA, em uma quantia superior a R\$ 500 milhões, por não comprovarem a origem legal do carvão vegetal que alimenta seus fornos e não apresentarem programas de reflorestamento. Segundo o IBAMA, nos últimos 5 anos, a exploração ilegal chegou a 7,7 milhões de metros cúbicos de carvão.

O pólo guseiro de Açailândia consome cerca de 90 por cento do carvão vegetal produzido no Pará, principalmente no município de Paragominas. As áreas onde as usinas fabricam o carvão compreendem: 60 municípios no Pará, 80 municípios no Maranhão e 30 municípios no Tocantins.

Presencia-se uma constante procura pelo carvão do coco, face ao aumento das fiscalizações da madeira nativa por parte do IBAMA. O carvão do babaçu além de ser de ótima qualidade pode circular livremente nas estradas. Os caminhoneiros e fornecedores sequer precisam apresentar autorização para trafegar com o produto já que as cascas e o coco de babaçu estão livres da ATPF – Autorização Para Transporte de Produtos Florestais.

As siderúrgicas possuem áreas de plantio de eucalipto que são classificadas como replantio. As quebradeiras de coco babaçu questionam esse replantio que consiste em devastar a floresta nativa para o plantio de eucalipto. Além disso, o carvão feito do eucalipto não é suficiente e precisa ser complementado com o carvão das carvoarias e com o carvão das áreas arrendadas nas localidades próximas.

O grande problema das siderúrgicas é conseguir carvão em quantidade suficiente para beneficiar o minério. Para continuar com seus lucros as siderúrgicas financiam a construção das chamadas carvoarias onde as baterias de fornos funcionam 24 horas. Essas carvoarias tem sido alvo de denúncias e fiscalização por trabalho escravo e na lista suja do Grupo Móvel do Ministério do Trabalho figuram várias dessas fazendas da região. As siderúrgicas adquirem carvão também das fazendas que são arrendadas por um chamado fornecedor ou pelo próprio fazendeiro. Nesse caso são contratadas pessoas para proceder à cata dos cocos. Outra modalidade de exploração das famílias, praticada pelas siderúrgicas é o arrendamento de pequenas propriedades e pequenos lotes para feitura do carvão com mão-de-obra local.



JOAQUIM SHIRAIASHI

área plantada de eucalipto
em Imperatriz

A CELMAR Indústria de Papel e Celulose, implantada na região nos anos 90 com o apoio de sócios como a CVRD e Risipar mudou de razão social, ou seja, se transformou na siderúrgica Ferro Gusa Carajás

Em algumas áreas o carvão é feito do cacho da palmeira. Essa prática está ocorrendo nos povoados de Olho D' água dos Martins, Matança, Bacaba, Coquelândia, São Felix e Petrolina, no município de Imperatriz; no povoado Ciriaco, município de Cidelândia e no povoado Mundo Novo, município de Amarante.

Práticas predatórias

As devastações

Presencia-se na regional de Imperatriz derrubadas generalizadas de babaçuais para plantio de eucalipto ou mesmo para a prática da pecuária e, além disso, a utilização de veneno no "olho das pindovas". A pesquisa identificou essas práticas nas seguintes localidades: povoado Mundo Novo, no município de Amarante; povoados São Félix, Coquelândia, Olho D'água, Petrolina, no município de Imperatriz.; povoados Viração e Frades, no município de Cidelândia. O envenenamento do olho das pindovas tem gerado a contaminação dos que aplicam o veneno e também dos rios, riachos e igarapés.



LUCIMARA CORREA.

Carvão da casca do coco

Os agentes sociais envolvidos na produção de carvão vegetal

O fornecedor

Pode ser uma pessoa de fora ou de dentro do povoado ou o próprio fazendeiro. O fornecedor contrata os catadores, arrenda a área de fazenda e fornece todo o carvão às siderúrgicas.

O caminhoneiro

É responsável pelo transporte do carvão das áreas arrendadas para as siderúrgicas de Açailândia. Percorre estradas comprando todo o carvão do coco produzido além de fornecer tambores e sacos que são utilizados na produção. Os sacos servem para armazenar o carvão já confeccionado, diferente do que ocorre na região tocantina onde os sacos são utilizados para a colocação do coco inteiro.

Os catadores de coco

Essa é uma atividade realizada por homens, mulheres e crianças. Não presenciamos catadores que são funcionários das siderúrgicas, ao contrário, são pessoas desempregadas, que estão em trânsito pelo município ou mesmo os trabalhadores sem lote ou que estão passando por alguma dificuldade. A tabela de preço é a seguinte: os homens recebem no máximo R\$ 20,00; as mulheres recebem R\$ 15,00 e as crianças recebem R\$ 10,00.

O trabalho escravo

Os trabalhadores das carvoarias, localizadas em lugares ermos, embora estejam alimentando o revigoramento de uma atividade altamente lucrativa, trabalham em regime análogo à escravidão.

AS RESERVAS EXTRATIVISTAS

Em maio de 1992 foram decretadas pelo presidente da República cinco reservas extrativistas, das quais: duas estão na microrregião de Imperatriz são elas Ciriaco (Decreto 534/92 em 20/05/92, município de Cidelândia) e Mata Grande (Decreto 532/92, municípios de Davinópolis, Senador La Roque e João Lisboa).

As famílias reivindicam a implementação dessas RESEX e a viabilização de políticas públicas que possam consolidá-las.



Lançamento interestadual da campanha contra devastações em Terezina, PI

Na guerra do carvão a munição é a organização

Na regional de Imperatriz as quebradeiras de coco estão organizadas em movimentos sociais, associações, cooperativas e grupos de mulheres que têm defendido a preservação dos babaçuais e lutado contra a ação devastadora dos grandes grupos econômicos. Em função dessa luta os municípios de Imperatriz e Cidelândia já aprovaram a lei do livre acesso aos babaçuais. Segundo as quebradeiras a Lei do Babaçu Livre dá suporte para uma sobrevivência de forma digna. No entanto, a luta não se resume a aprovar a lei, é preciso organização para que a mesma seja de fato cumprida.

CONTATOS

Escritório Central do MIQCB

Rua Nascimento de Moraes 437 São Francisco 65076-320 São Luís MA
telefone 98. 3268-3357 www.miqcb.org.br miqcb@miqcb.org.br

MIQCB Regional Imperatriz (funciona no escritório do STTR)

Rua João Lisboa 1205 Bairro Juçara 65903-330 Imperatriz MA
telefone 99. 3526-1904 regionalimperatriz@miqcb.org.br

Escritório do STTR / Imperatriz

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz
Rua João Lisboa 1205 Bairro Juçara 65903-330 Imperatriz MA
telefone 99. 3524-3710

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- | | |
|---|---|
| 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí | 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz |
| 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim | 7 Quilombolas do Marajó |
| 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins | 8 Quilombolas do Maranhão |
| 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense | 9 Quilombolas do Baixo Amazonas |
| 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará | 10 Atingidos pela Base de Alcântara |

REALIZAÇÃO



APOIO



PARCEIRO LOCAL

STTR

